

Estranhamente sem opinião

(Serviço da AIM)

21/1/85

Mais dois cidadãos estrangeiros foram assassinados pelos bandidos armados. O facto de as pegadas dos bandidos terem indicado a sua reentrada em território sul-africano, e o facto disto ter sido tornado público por Moçambique, terá concerteza levado o Governo britânico a pedir explicações a Pretória.

Os britânicos Peter e Christopher Hunt juntaram os seus nomes aos de dezenas de estrangeiros e centenas de moçambicanos já mortos, raptados ou mutilados pelos bandidos armados.

Para além do crime, temos a registar aquilo que começa a ser conviência moral com o crime, precisamente por parte de instituições vitais dos países de onde provêm os estrangeiros mortos em Moçambique. Referimo-nos, fundamentalmente, à imprensa.

Temos acompanhado o que dizem os órgãos de informação internacionais sobre o banditismo, especialmente os dos países ocidentais.

De uma maneira geral o que tem acontecido é que os crimes dos bandidos são noticiados de forma «neutra», «distanciada», e são utilizados para demonstrar o grau de actividade do banditismo como que a sugerirem cautela perante uma possível mudança de rumo político por parte da RPM.

Na imprensa ocidental, de uma forma geral, não tem havido editoriais ou comentários contra os bandidos armados. Não somos contra o facto de se darem as notícias. Somos os primeiros a tentar dá-las. E somos também pelas análises o mais rigorosas possíveis. Mas somos absolutamente contra a total ausência de opinião editorial contra o banditismo nessa imprensa.

É imoral, é triste, é caminho aberto para as centenas de editores ocidentais serem futuramente acusados de conviência (moral) com o banditismo armado.

Quando alguém nos países ocidentais comete um acto violento contra instituições ou pessoas desses países logo as suas imprensas surgem com o termo «terroristas» e os editores são os primeiros a pedir medidas severas contra os terroristas.

Mas em relação aos bandos armados em Moçambique, cuja actuação bárbara é amplamente conhecida, a imprensa ocidental tem utilizado termos como «guerrilheiros» ou «rebeldes», naquilo que só pode ser interpretado como tentativa de se legitimar a actuação dos bandidos.

Estamos perante uma situação de crescente hipocrisia. Num caso não há separação absoluta entre ser jornalista e ser cidadão de um país ameaçado por actos terroristas. Noutro caso — no caso relacionado com a RPM — já aparece essa separação entre ser-se jornalista e ser-se ser humano. E tudo isto em nome de uma «objectividade» que não existe no primeiro caso.

E, mais isto: em nós começa a ficar a sensação de que se Moçambique fosse um país maioritariamente habitado por brancos, já os Governos ocidentais — com total apoio das suas imprensas — teriam decretado tratados de extradição de todo e qualquer bandido.

Como seres humanos e como jornalistas não podemos deixar de apelar aos editores por esse mundo fora que juntem as suas vozes na luta contra a barbárie que atingiu a África Austral na forma do banditismo armado, e que denunciem sem reservas toda e qualquer conviência política, militar, diplomática ou moral com os bandidos, venha ela de onde vier.